



## **AS IDENTIDADES DE GÊNERO CONSTITUÍDAS PELA LINGUAGEM E PELO PODER<sup>1</sup>**

**Ígora Irma Santos Dácio**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidades Territórios e Identidades (UFPA), na Linha de Pesquisa *Identidades: linguagens, práticas e representações*; Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade (UFPA); Licenciada em Pedagogia (UFPA); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação- Gepege.

*Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba*  
igdacio15@gmail.com

**Joyce Otânia Seixas Ribeiro**

Professora de Didática da FAECS/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; líder do Gepege - Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação; Professora do PPGCITI/CAAB/UFPA, na linha de pesquisa *Identidades: linguagens, práticas e representações*; Professora do PPEB/ICED/UFPA, na linha de pesquisa *Currículo da Escola Básica*.

*Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba*  
joyce@ufpa.br

### **Resumo**

Este trabalho objetiva discutir o processo de construção de identidades de gênero, abordando inicialmente a relação entre identidade e diferença, a representação e a linguagem enquanto instrumento de relações de poder. O referencial teórico utilizado transita por autores que discutem identidade como: Hall (1997, 1999), Silva (2000); autores que discutem a linguagem e poder: Charaudeau (2015), Dijk (2015); e autoras que contribuem no debate sobre gênero como: Scott (1995) Louro (1997, 2000, 2001), Meyer e Soares (2004). O texto foi produzido por meio de pesquisa teórica e revisão de literatura. Os resultados parciais apontam que a identidade de gênero é histórica, social e cultural, e compreende a pluralidade nas diversas formas de ser masculino e feminino, e sendo plural não está isenta do exercício de poder.

**Palavras-chave:** Gênero. Identidade. Linguagem. Poder

### **Introdução**

Este trabalho é “[...] escrito a partir de uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 1999, p.1). Nesse sentido, pretendemos com ele discutir o processo de construção da identidade e da diferença, afastando-nos de concepções essencialistas que buscam por meio da natureza ou da biologia explicar aproximações ou investimentos em determinadas identidades;

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado como requisito parcial avaliativo para a disciplina Linguagens e Identidades do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades- PPGCITI (UFPA)



pretendemos, ainda, expor os fatores que contribuem nessa construção, e discutir a construção das identidades de gênero, partindo da perspectiva de que elas são construídas social e culturalmente.

Para tanto, utilizamos como referencial teórico para a discussão das identidades Hall (1997, 1999), Silva (2000), sobre linguagem e poder acionamos Charaudeau (2015), Dijk (2015) e para a discussão sobre gênero contamos com as contribuições de Louro (1997, 2000, 2001), Meyer e Soares (2004), Scott (1995), entre outras.

O trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente nos deteremos na discussão sobre a identidade e sua relação com a diferença, em um segundo momento, abordaremos a relação existente entre identidade, representação e linguagem no processo de construção individual e coletiva do sujeito; por fim, discutiremos a noção de gênero como categoria analítica e o processo responsável pela construção das identidades à eles relacionadas.

## 1. A Construção Identitária

A identidade e a diferença não são inatas, elas não constituem um ser pronto e acabado, mas são resultados de construções culturais e sociais entre os indivíduos, nas representações, subjetividades, nos significados produzidos, aliado às suas experiências, que decorrem de um processo sociocultural. De acordo com Hall (1997), nossas identidades são as sedimentações através do tempo, resultado de diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências **única** e somente nossas, enquanto sujeitos individuais.

Elas não possuem fixidez, harmonia, lógica ou consistência, ainda que busquemos solidificá-las, dar forma ao disforme, pois elas são fluidas e fogem ao fluxo de nossa experiência (BAUMAN, 2001). Resumindo, nossas identidades são construídas culturalmente e precisam ser compreendidas enquanto componentes do contexto sociocultural onde são constituídas.

A diferenciação, que é a produção da identidade e da diferença, é permeada por uma luta por significação, pois o ato de incluir/excluir indica a posição do sujeito e, portanto, produz significados. Dessa forma, na medida em que os diversos sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, nos confrontamos com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais nos identificamos, pelo menos temporariamente (HALL, 1999).

### 1.1 Identidades, Representação e Linguagem



Por meio da representação, a identidade e a diferença encontram-se ligadas à relações de poder, pois **ter o poder NINGUÉM TÊM O PODER de definir uma identidade**, por meio da produção de significados que são contestados, de **representa-la**, de incluir, é também ter o poder de excluir o que não diz respeito à ela. Nesse sentido, questionar a identidade e a diferença significa, da mesma forma, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação (SILVA, 2000).

A representação é uma construção linguística e discursiva, por conta disso “falar não é representar o mundo, mas construir uma representação do mundo para si e para os outros” (GERALDI, 2011, p. 15). Essa importância atribuída à língua na produção de significados é defendida pela “Virada Cultural”, solo epistemológico dos Estudos Culturais<sup>2</sup>, no qual argumenta-se que o falante não pode fixar um significado, sejam valores, crenças, condutas ou ideias, de forma final, uma vez que as palavras não possuem um único significado, mas que como são atribuídos por múltiplos sujeitos, carregam uma infinidade de significações.

Ainda que haja um esforço pela atribuição de significados, as palavras são “multimoduladas”, estando em constante movimento e, por conta disso, carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado (HALL, 1997). Esses significados são instáveis, inconstantes, contingentes e passíveis de transformações, a depender de quem os atribui, e não podem ser compreendidos fora de seus sistemas de significação.

Nesse sentido, a identidade e a diferença são também resultados de criações linguísticas, que estão “[...] no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito” (CHARAUDEAU, 2015, p. 13). Nós nascemos em um mundo de linguagem, “quando nascemos, não encontramos apenas uma língua em uso – encontramos um mundo significado” (GERALDI, ANO?, p. 15), logo, a linguagem e o discurso são fundamentais para a construção identitária, pois é através deles que a identidade e a diferença são nomeadas.

## 2. Construindo as Identidades de Gênero

---

<sup>2</sup> De acordo com Tomaz Tadeu da Silva, os Estudos Culturais, que se constituem como um campo de teorização e investigação, tiveram sua fundação em 1964 no Centro de Estudos Culturais de Birmingham, Inglaterra. Sendo que o impulso inicial do Centro partia de um questionamento da compreensão de cultura dominante na crítica literária britânica. (Cf. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica Editora, 1999, p.131).



Para a discussão sobre as identidades de gênero, partimos do princípio de que as identidades não possuem um centro sobre o qual todas as características dos indivíduos se assentam, elas são identidades plurais, que se transformam por não serem fixas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias (LOURO, 1997). A partir disso, explicitamos o termo gênero enquanto uma construção histórica, política e social, levando em conta também seu aspecto sexual, pois de acordo com Scott (1995, p. 7), “Ele coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”.

Desse modo, gênero não é produto da natureza, o que significa dizer que as diferenças não têm origem biológica ou anatômica. Entretanto, ainda que não possua tais origens, a diferença entre o corpo do homem e o corpo da mulher há muito tempo foi, e ainda vem sendo utilizada para justificar a desigualdade na relação existente entre masculino e feminino.

Compreendemos, então, o termo gênero em seu caráter social, em que representações e significados são produzidos e reproduzidos nas diferentes sociedades por regras que visam à normalização dos indivíduos em espaço e tempo distintos. Dessa forma, “[...] homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo” (FELIPE & GUIZZO, 2004, p. 33) e na medida em que ambos/as são sujeitos sociais, culturais e históricos eles/as não estão livres dessas influências.

A compreensão sobre as identidades de gênero atravessa necessariamente a reflexão sobre a pluralidade dos indivíduos, visto que essas identidades relacionam-se às diversas formas de viver dos masculinos e femininos, pois: “como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade” (MEYER & SOARES, 2003, p. 16). Essa diversidade deve-se ao fato de não haver um único modelo em cada uma delas, mas sim uma infinidade justamente por serem construídas sócio culturalmente e passíveis de transformações

### **3. Identidades de Gênero, Linguagem e Poder**

Uma das formas pelas quais o poder se manifesta SE EXERCE NAS RELAÇÕES SOCIAIS, instituindo as distinções e as desigualdades, é por meio da linguagem. Esta se constitui como um mecanismo eficaz na produção do senso comum, pois está presente em nossas práticas cotidianas garantindo a coesão e a integração social (CHARAUDEAU, 2015) e, por conta disso, é



naturalizada, considerada imparcial ou neutra, por supostamente anteceder nossa existência e a internalizamos a fim de garantir a comunicação.

Porém, precisamos analisar o ato de nomeação, validado pela linguagem, como resultado de uma imposição presente nas relações de poder. Essa eficácia da linguagem é garantida, de acordo com Louro (1997), pelas regras definidas por gramáticas e dicionários, e que nos induzem a não questionar os usos de expressões consagradas, apenas por acreditarmos que a linguagem é um eficiente veículo de comunicação. Mas, para além disso, ela expressa e institui relações, poderes, lugares, (re) produzindo desigualdades e tentando fixar as diferenças.

Em relação ao gênero, o poder da linguagem se manifesta por meio das diferenciações adjetivas, como, por exemplo, a atribuição no ambiente escolar às meninas a qualidade de esforçadas e aos meninos a qualidade de brilhantes, bem como a crença de que as meninas são comportadas e os meninos agressivos, pois são comportamentos da natureza de cada um/a. Nesse sentido, precisamos escutar além do que é dito, atentando para o que não é dito (LOURO, 1997), o que fica nas entrelinhas, aquilo que é ocultado, pois o poder não apenas se manifesta por meio da linguagem, dos discursos, mas também é relevante e precisa ser analisado como força societal “por detrás dos” discursos (DIJK, 2015).

Assim, a análise da linguagem se constitui como mecanismo crucial para explicar as relações desiguais perpetuadas em diversas culturas, contextos e interações discursivas relacionadas às identidades de gênero, e até mesmo outras identidades. Ter essa possibilidade de análise é também ter a oportunidade de questionar e romper com a (re)produção de estereótipos, preconceitos, abusos e discriminações presentes no ato da linguagem, permeadas pelo poder.

## Conclusões

A identidade e a diferença são construções da cultura, da sociedade, do contexto histórico ao qual elas pertencem, mas também são produtos da criação linguística, pois é por meio da linguagem, que elas são nomeadas e passam a existir. Enquanto resultado da linguagem, da cultura e da sociedade, a identidade e a diferença, são indeterminadas, instáveis e sujeitas à relações de poder. Poder este que se manifesta entre diferentes grupos, classes, nas interações discursivas em diferentes contextos.

Portanto, por meio deste trabalho explicitamos as relações de poder existentes no processo de construção da identidade e da diferença, buscando ressaltar a presença da linguagem enquanto instrumento para a (re) produção de relações desiguais, tendo por base as identidades de gênero. Ao



afirmar que as identidades de gênero não possuem origem biológica e sim sociocultural buscamos promover uma reflexão e provocar novos questionamentos acerca dos privilégios e das relações de poder, que enquanto construções não são imutáveis, logo, passíveis de transformações.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. **Discurso e (des) igualdade social**. São Paulo: Contexto, p. 13-29, 2015.

DIJK, Teun A. van; HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina (Orgs.). **Discurso e poder**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: \_\_\_\_\_. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GERALDI, João Wanderley. Linguagem e identidade: breve nota sobre uma relação constitutiva. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 49, p. 9-19, jan./jun. 201

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, 1997, 22.2: 15-46.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. LOURO, Guacira L. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.